

Documento, pesquisa, vertigem: Boris Kossoy e a fotografia

Dulcilia H. Schroeder Buitoni

Boris começa com Borges. O fotógrafo e arquiteto brasileiro inicia seu livro com palavras do escritor argentino: “El pasado es la sustancia de que el tiempo está hecho: por ello és que este se vuelve pasado en seguida”. Ambos percorreram caminhos da memória, um conduzido pela imagem, outro conduzido pelo verbo. Ambos trabalham com a construção da memória imaginária da humanidade.

O fotógrafo Boris Kossoy transcreveu o tempo em luz; o pesquisador e pensador traçou as linhas do tempo e refletiu sobre as humanas construções fotográficas. Suas facetas se combinam num texto claro, sedutor, onde não faltam profundidade e inquietação científica. Gênese e duração, origem e permanência: eis os tempos – decisivos ou prolongados – que são objeto para esse estudioso, doutor em sociologia, livre-docente e professor titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.

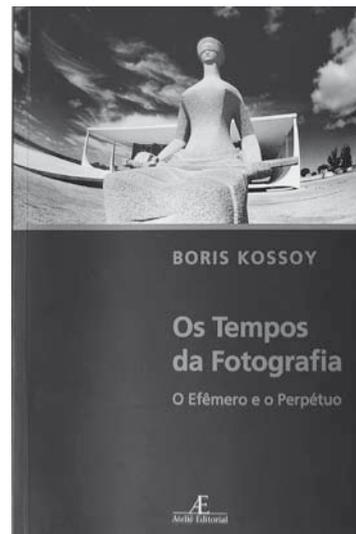
Ele nos diz que fotografia é memória “enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos: documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É assunto ilusoriamente re-tirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem” (p.3). A partir da natureza codificada da fotografia, Boris analisa as variáveis de sua construção e propõe leituras socioculturais.

No Brasil, os campos de pesquisas históricas e teóricas sobre o dispositivo fotográfico têm em Boris Kossoy um de seus pioneiros e também um formulador de conceitos e propostas metodológicas que vêm sendo utilizados em trabalhos de graduação e pós-graduação. A discussão sobre as realidades vinculadas à fotografia aponta para o processo contínuo de criação de novas realidades. “Através da fotografia aprendemos, recor-

Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo

Boris Kossoy

Cotia/SP: Ateliê Editorial,
2007, 176 p.



damos e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidades – e de ficções” (p.147). Ficções: esta é uma marca no processo de “revelação” do autor. Operando com o caráter indiciário da imagem fotográfica – embora sem se render exclusivamente a ele –, Boris inclui sempre o ficcional. Assim, consegue conciliar realidade e ilusão, fato histórico e construção.

Documento e ficção são faces e interfaces dessa criação técnica e imaginária, que vem sendo abordada ao longo de sua consistente produção. O historiador garimpou a invenção do processo fotográfico em terras brasileiras: *Hercules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil* (1977) e mapeou nossos fotógrafos anônimos do século XIX ao começo do século XX.

Os fundamentos teóricos da imagem fotográfica e metodologias de análise foram discutidos em *Fotografia e história* (1989), que teve desdobramentos em *Realidades e ficções na trama fotográfica* (1999). Tais livros

se articulam numa espécie de trilogia com este último, em torno da temporalidade.

Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo mostra os processos de cognição desencadeados pela fotografia, especialmente os que envolvem os trânsitos da memória – social e individual. A primeira parte revisita conceitos e abordagens metodológicas, numa perspectiva multidisciplinar que revela o pensador original e também o pesquisador e orientador de teses e dissertações. A segunda parte, sobre imprensa e história, reúne dois artigos que levantam contextos políticos – imprensa e censura – durante o governo Vargas. Num, é analisado o trabalho da fotógrafa Hildegard Rosenthal, refugiada do nazismo, que foi uma das pioneiras do fotojornalismo no Brasil.

O outro, “Mídia, imagens, ideologia, memória”, trata das posturas da grande imprensa desde os anos anteriores à ditadura Vargas. O livro completa-se com uma parte sobre imaginário e memória, na qual Boris navega num espaço “mais livre em termos de narrativa e linguagem”, como ele próprio aponta, na introdução. Mesmo assim, a escritura poética realça o cuidado teórico de seu pensamento.

Boris trabalha a relação íntima entre a máquina fotográfica e o relógio: “A câmara fotográfica incorpora o tempo do relógio para seu funcionamento e se insere, através de suas imagens, no Tempo enquanto contingência. Com a fotografia, descobriu-se que, embora ausente, o objeto poderia ser (re)apresentado, eternamente. É este o tempo da representação, que perpetua a memória na longa duração” (p.146).

E aponta para as vertentes interdisciplinares da investigação sobre a fotografia, pois

trata-se de uma imagem que resulta de um processo de criação: a imagem é construída técnica, cultural, estética e ideologicamente. Temos, então, duas grandes vertentes, visualizadas em excelente quadro (p. 33): a fotografia como **objeto** de pesquisas históricas e teóricas – e a fotografia como **fonte** de informações referentes a diferentes áreas de conhecimento. Objeto e fonte são desconstruídos e reconstruídos em camadas interpretativas, abrindo-se muitas possibilidades de articulação e análise, não só para fotos referenciais como para fotos do mundo da arte.

Todos os textos, com exceção do último, “Castelos de cartas, castelos de areia”, foram originalmente apresentados em congressos e reuniões científicas. Revistos e ampliados, agora estarão mais acessíveis a pesquisadores e aficcionados da fotografia, pois antes sua circulação estava restrita a publicações especializadas e/ou acadêmicas.

Entre o tempo de criação (instante da gênese), primeira realidade e o tempo da representação (registro e memória), segunda realidade, Boris Kossoy examina as suspensões e trânsitos dessa figuração técnica e poética do imaginário humano. Para ele, a fotografia é sempre ambígua, seja ela analógica ou digital, seja ela produto da realidade material ou imaterial.

Material, imaterial, ilusão documental, ambigüidade, vertigem: Boris nos convida a percorrer caminhos de memória e sentido.

Dulcilia H. Schroeder Buitoni é livre-docente, professora titular de jornalismo (ECA-USP) e professora de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero